

O ENSINO DE GEOGRAFIA E SUAS POSSIBILIDADES DE LEITURA DE MUNDO*

Denis RICHTER**

Linha de Pesquisa: Ensino de Geografia

Nível: Doutorado

A complexidade de relações em que se vive nos dias atuais é grande. Os inúmeros processos que envolvem o cotidiano das sociedades, fruto de um sistema histórico, altera significativamente a compreensão do que vem a ser ou como está o mundo. Os lugares, o local, perdem, muitas vezes, sua identidade em detrimento do poder e soberania do capital global, o que gera uma leitura de mundo “mascarada” ou até mesmo limitada.

Dentro deste entendimento, pode-se destacar o desafio que vive o ensino de geografia. A responsabilidade que esta ciência tem como disciplina escolar resulta na contribuição da leitura de mundo e, principalmente, de dar significado e compreensão para o lugar, o onde (?). Pois, segundo Douglas Santos (2002), muito mais que saber perguntar sobre o “onde?” é saber respondê-lo.

As figuras 1 e 2 podem contribuir para este esclarecimento, nas imagens estão destacados pontos de suma relevância para o estudo do estágio atual da sociedade. Inicialmente, pode-se fazer uso dos signos, já que as duas figuras permitem construir idéias e conceitos, a partir do significante e seu significado. Nesta concepção, fica evidente a representação de temas como: revolução industrial, trabalho (formal/informal), campo-cidade/rural-urbano, relação homem-natureza, tecnologia/técnicas, globalização/ultra-liberalismo, problemas ambientais, industrialização, modificação do espaço, especificidade dos lugares, entre outros. Entretanto, todos estes pontos levantados podem se perder da análise geográfica se não se sabe como trabalhar a geografia em sala de aula.

Em outras palavras, esses fenômenos/fatos levantados não são processos de entendimento exclusivo da geografia, são, na verdade, um conjunto de relações científicas e empíricas que os formam das mais diversas áreas do conhecimento. O que é importante destacar sobre eles para o ensino de geografia são suas categorias de análise, a saber: lugar, paisagem, território, espaço geográfico e região.

Ao pensar numa sala de aula, no caso de geografia, está claro a presença de dois sujeitos, professor e aluno. Estes indivíduos estão em níveis de complexidade e entendimento de mundo muito diferentes. Apesar dos dois vivenciarem o mesmo espaço, a leitura que cada um faz sobre seu cotidiano é heterogênea, o que não significa que sejam corretas ou erradas.

Neste sentido, o aluno, geralmente de pouca idade, pode fazer uma análise mistificada do espaço. Isto é fato por que o mundo que ele conhece já está pronto, ele não presenciou todas as mudanças que ocorreram nos estágios históricos anteriores. Sua visão de mundo trata com naturalidade muitos aspectos que para um profissional da geografia são problemas ou processos marcantes.

A análise espacial do aluno, muitas vezes provinda do senso comum, não demonstra surpresa ao ver uma fábrica poluir o ambiente, o leito de um rio estar totalmente antropofizado, a rotina do trabalho e o pouco salário que é pago, a técnica substituindo as atividades humanas – desemprego tecnológico, a transição do campo para a cidade, a admiração pelo urbano, a projeção do homem sobre a natureza, a perda da identidade do lugar – processo de ultra-liberalismo, as fortes relações de poder do capital sobre o espaço etc. Percebe-se, portanto, que esta leitura precisa ser transformada e que sejam abertas novas perspectivas de interpretação do espaço.

É neste ponto que o ensino de geografia deve-se nortear. Muito mais que ensinar conceitos é necessário construir em conjunto com o aluno possibilidades do mesmo interagir com o mundo de maneira mais clara e consciente.

Entretanto, o que se tem hoje não é um ensino de geografia totalmente esclarecido no seu papel social. Os próprios professores desta área podem também estar “contaminados” por esta leitura limitada. Já que geralmente estes profissionais saem dos cursos de graduação sem saber ao certo o que é geografia.

* Texto elaborado na prova de seleção para o curso de Pós-Graduação, Doutorado em Geografia, da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente-SP em julho de 2006.

** Doutorando no curso de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente-SP e professor da Unoeste e do Colégio Criarte. E-mail: drichter78@gmail.com.

Dentro desta perspectiva, é necessária a indicação de alguns pontos no trabalho didático-pedagógico coadunado com a fundamentação teórica da geografia:

- todo o processo de ensino de geografia deve partir do lugar, ou como diz Lefebvre (1988), no início é o *topos*. O estudo sobre o local contribui significativamente para a compreensão do global. Isto já foi destacado por Milton Santos (1996), em suas análises sobre a configuração espacial e ampliado para o ensino por Helena Callai (1995 e 1999), quando faz a quebra dos círculos concêntricos, em razão do processo de globalização que se vive;
- a necessidade de se fazer um amplo, e muitas vezes profundo, resgate histórico sobre os fenômenos, pois não é possível compreender os fatos do cotidiano sem levar em conta a contribuição da análise do materialismo histórico-dialético;
- construir um olhar mais crítico sobre a paisagem e, principalmente, sobre a representação dos signos no espaço, que visam alterar e formar uma opinião limitada, reproduzindo os ideais e conceitos das soberanias de Estado e de capital sobre os diferentes lugares do globo;
- analisar a técnica como processo de exclusão e reforço das hierarquias de classes na vida em sociedade;
- ter uma compreensão sistêmica dos processos que envolvem a dinâmica da natureza para compreender que as ações antrópicas geram graves conseqüências ao meio ambiente;
- compreender que o trabalho está, muitas vezes, inerente ao sistema de controle da população a partir da atual situação dos níveis de desemprego, onde se busca coisificar o homem apenas como instrumento de reprodução do capital e da mais-valia; e
- desmistificar a globalização como processo de igualdade, democracia e justiça no mundo de hoje e esclarecer, conforme Viviane Forrester (1997) em seu livro *Horror Econômico*, que na verdade tudo isto é pura demonstração do ultra-liberalismo.

Contudo, muitos outros pontos poderiam ser destacados, já que a análise geográfica permite construir inúmeros entendimentos pelos mais diferentes **viés**s. Porém, o que se deve permanecer em todas as leituras é a compreensão dos motivos e razões da ocorrência destes fenômenos em determinados lugares. Compreender como o lugar possui importância estratégica, hierárquica e funcional, e saber pensar sobre a lógica do **topos** é começar a construir uma interpretação geográfica sobre o mundo.

Referências bibliográficas

- CALLAI, Helena Copetti. **Geografia**: um certo espaço, uma certa aprendizagem. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1995.
- CALLAI, Helena Copetti. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In. Castrogiovanni, A. C. *et al.* (Org.). **Geografia em sala de aula**: práticas de reflexões. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS/AGB-PA, 1999. p.57-66.
- FORRESTER, V. **O horror econômico**. São Paulo: Unesp, 1997.
- LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988.
- SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço**: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo: Unesp, 2002.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 2º. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.